

4. Uma liturgia fraterna

“Não deixem passar as horas estabelecidas” (RB 50,4).

Ontem, meditamos sobre a importância de não passar ao largo do encontro estabelecido com Deus na oração litúrgica.

Esse verbo latino, *praeterire* – ir além, ir adiante, ultrapassar, passar ao lado de alguém ou de alguma coisa –, não pode deixar de evocar em nós uma cena descrita por Jesus no Evangelho, aquela do homem agredido por assaltantes na estrada de Jerusalém para Jericó e deixado quase morto, e do viandante samaritano que o socorreu.

De fato, tanto o sacerdote quanto o levita, que passam junto ao homem ferido antes do samaritano, fazem exatamente o que São Bento nos pede para não ser feito com o compromisso litúrgico com Deus: eles passam adiante! “Por acaso desceu pelo mesmo caminho um sacerdote, viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, chegando àquele lugar, viu-o e passou também adiante” (Lc 10, 31-32).

O que isso tem a ver com a hora do Ofício Divino? Que afinidade existe entre o passar ao largo do compromisso marcado com Deus e o passar ao largo da necessidade do próximo? A resposta mais óbvia é aquela que Jesus dará aos eleitos e aos condenados no fim do mundo: “Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes’. [...] ‘Todas as vezes que deixastes de fazer isso a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer” (Mt 25,40.45).

O pobre, o necessitado, o irmão ou a irmã a ser amado e ajudado são para nós um compromisso marcado com Deus, como o é a hora do Ofício Divino. Aliás, o são ainda mais porque sabemos que faltar com a caridade é mais grave do que faltar com a piedade.

Toda vez, porém, o erro, o pecado, consiste no “passar além” do lugar, da hora e da ocasião do nosso encontro pessoal com Deus, aquele encontro pelo qual o Filho de Deus se fez homem, entregou-se a nós até a morte na cruz. Na liturgia eucarística, assim como no próximo ferido e abandonado, é sempre o mesmo Jesus Cristo, Salvador e Redentor, que quer nos encontrar e entrar em comunhão conosco.

Mas não é somente em relação aos pobres que se deve comparar o “deixar passar” que transcura a oração litúrgica. Porque, nesse sentido, corremos o risco de pensar na liturgia e na caridade fraterna como se fossem duas coisas alternativas. É claro que, como eu dizia, e como testemunham tantos santos, a necessidade do pobre pode requerer que renunciemos à oração litúrgica. Mas esses casos excepcionais não devem nos fazer esquecer que a liturgia, seja a celebração eucarística ou a do Ofício Divino, não é apenas um compromisso com Deus: é também um compromisso com a Igreja, com a comunidade, com os irmãos e irmãs com os quais Deus marca um encontro conosco para a oração, para estarmos diante d’Ele como filhos diante do Pai.

Toda oração litúrgica da Igreja tem sempre uma dimensão comunitária, mesmo quando rezamos o Ofício sozinhos, mesmo se formos eremitas. O monge que se encontra longe do coro por motivo de trabalho ou de viagem não é apenas instado pela Regra a não deixar passar a hora de seu compromisso com Deus, mas também a não deixar passar a hora na qual sabe que seus irmãos no mosteiro se reúnem para rezar. Quem transcura o compromisso da oração não só transcura a Deus, mas também a comunidade eclesial que se reúne física ou espiritualmente para prestar culto ao Senhor.

Sabemos por experiência que, infelizmente, mesmo quando chegamos no horário ao Ofício Divino, muitas vezes estamos distraídos de Deus e dos irmãos ou irmãs. Muitas vezes, nossos pensamentos, nossas preocupações, nossa sensibilidade, nossa impaciência, nossa tendência a desprezar os outros e a estimar a nós mesmos, tudo isso nos faz “passar além” da liturgia que estamos celebrando, como se nunca tivéssemos chegado ao coro ou como se já tivéssemos partido para outros afazeres e outros interesses. Assim, a liturgia não é para nós um encontro pascal com Deus e com os irmãos e irmãs. Muitas vezes, graças a Deus, nos damos conta disso imediatamente e sentimos um são arrependimento que nos permite recuperar com o sofrimento aquilo que não queríamos vivenciar como um encontro festivo. No fundo, nos damos conta de que nos faltou amor pelo Senhor e pelos irmãos que Ele mesmo convocou junto conosco.

São Bento prevê toda uma disciplina, ou melhor, uma ascese, do deter-se na presença de Deus com os irmãos. Por Deus, nos pede que prestemos atenção às palavras da liturgia, que são quase todas palavras bíblicas, palavras de Deus: “e tal seja a nossa presença na salmodia, que nossa mente concorde com nossa voz” (RB 19,7).

Ou então, ele nos pede que nos disponhamos à oração como “[quando] queremos sugerir alguma coisa aos homens poderosos, [...] com humildade e reverência” (RB 20, 1). Ele pede a compunção do coração, até às lágrimas, e sobretudo o fervor do coração – “*in lacrimis et intentione cordis*” (RB 52,4) – e, como vimos, o “temor divino” (RB 50,3). Em suma, ele nos pede que tomemos consciência de que Deus é Deus. Não para temê-lo, pois assim fugiríamos ainda mais ao encontro, mas para despertar em nós a consciência de que Deus é grande, todo-poderoso. Em resumo, como diz o salmo 45: “Parai e sabeis, conheci que eu sou Deus, que domino as nações, que domino a terra!” (Sl 45,11). Não temos um encontro marcado com uma pessoa qualquer: temos um encontro marcado com Deus, vamos encontrá-Lo!

Porém, a liturgia comporta também uma disciplina para encontrarmos o próximo, a comunidade, os irmãos e irmãs com quem o Senhor nos convoca a orar. É fácil faltar com a consideração uns para com os outros, talvez sem o querer, mas de fato é assim. Por isso Bento pede a disciplina da pontualidade. O compromisso litúrgico é sim com Deus, mas concretamente é um compromisso com pessoas específicas que se reúnem para rezar juntas.

Disciplina de concordância no canto, de cuidado ao ler, ao proclamar a palavra de Deus, ao cantar. A liturgia não se faz por si mesma, muito menos uma liturgia digna de Deus e da Igreja.

O descuidar é, mesmo etimologicamente, uma outra forma de “passar adiante” sem se deter. Significa “passar pra lá do cuidado”, da cura daquilo que nos é pedido. A liturgia é bela e intensa, mesmo em sua simplicidade, quando quem reza não passa adiante do cuidado para com a própria liturgia, ou seja, se detém na cura do compromisso com Deus e dos irmãos convocados juntos para encontrar, adorar e amar o Senhor.

Mas, na liturgia, São Bento prevê um gesto específico de cuidado entre os irmãos diante de Deus, um gesto previsto pelo próprio Cristo ao nos doar o núcleo de toda oração litúrgica cristã: o Pai Nosso. A oração do Pai Nosso, que São Bento prevê em cada hora do Ofício, mas sobretudo no final das Laudes e das Vésperas, se conclui com o pedido de perdão que nos reconcilia uns com os outros para acolher a misericórdia do Pai. Isso é para Bento, e para a Igreja, o cume da liturgia e, logo, de uma liturgia vivida e renovada em nossas vidas.

Ouçamos e meditemos sobre o final do capítulo 13 da Regra:

“Não termine, de forma alguma, o ofício da manhã ou da tarde sem que o superior diga, em último lugar, por inteiro e de modo que todos ouçam, a oração dominical, por causa dos espinhos de escândalos que costumam surgir, de maneira que, interpelados os irmãos pela promessa da própria oração que estão rezando: ‘perdoai-nos assim como nós perdoamos’, se preservem de tais vícios. Nos demais ofícios diga-se a última parte dessa oração, de modo a ser respondido por todos: ‘Mas livrai-nos do mal’” (RB 13,12-14).